

Capítulo XXVII - O FIM ADIADO POR FALTA DE FORÇA

O iate estava muito próximo e alcançá-lo representava o meu resgate. Como decorrência, seria o final daquela macabra vivência aquática, que havia reunido, em uma reduzida área no mar, pessoas desesperadas se afogando, familiares bradando ao mesmo tempo os nomes de seus entes queridos, gritos incessantes de socorro e sobreviventes em busca de um local onde pudessem continuar a preservar suas vidas com alguma segurança.

Nos últimos metros que separavam o iate e o local onde o Bateau Mouche flutuou, surpreendentemente por um bom tempo, só havia restos e fragmentos de objetos que compunham a decoração daquilo que deveria ser uma noite de réveillon inesquecível. Em alguns momentos do meu percurso, precisei livrar-me de peças mais extensas, como fitas coloridas, que acabariam por se enroscar nos meus braços e mãos, enquanto nadava para superar aquele último trecho.

Olhando para o iate, notei que a popa seria alcançada mais rapidamente, considerando a posição onde me encontrava. Escolhi adotar este caminho mais curto, ao verificar que o bote a remo que ajudava no resgate, por algum motivo que não identifiquei, estava se deslocando para a proa do iate. Observei, também, que havia uma concentração de pessoas na parte da popa do convés, o que aumentaria a chance de eu ser ouvido para solicitar que o resgate ocorresse de pronto.

Evitar percorrer o mesmo caminho do bote foi uma decisão acertada, porque eliminou qualquer possibilidade de choque com a pequena embarcação, pois além do seu deslocamento sem cadência, baseado na ação de um único remo, e do meu nado um tanto errático, fruto de braçadas já descoordenadas devido ao cansaço, havia o movimento contínuo de subida e descida do iate como resultado da ondulação do mar, algumas vezes traiçoeira, pela amplitude alcançada.

Capítulo XXVII - O FIM ADIADO POR FALTA DE FORÇA

Quando me aproximei mais do iate, gritei por socorro tentando chamar a atenção das pessoas que estavam de pé no convés. Ao contrário do que aconteceu por duas vezes na traineira, a minha voz não se dispersou na escuridão e rostos receptivos apareceram na amurada do barco. Mãos acolhedoras sinalizaram para que eu me aproximasse mais da popa do barco. Aquelas manifestações de incentivo eram muito importantes no encadeamento das últimas ações que garantiriam o final do meu resgate.

Por um curtíssimo lapso de tempo, um sentimento de otimismo cruzou a minha mente. Se eu estava sendo resgatado com vida, havia a possibilidade de reencontrar Ana no convés do iate. No entanto, refleti melhor e concluí que, depois das minhas tentativas de identificá-la no mar entre os naufragos, sem sucesso, seria impossível que ela tivesse sido salva pelo bote a remo do iate.

As pessoas no convés já demonstravam uma certa impaciência diante da minha demora em chegar mais perto do barco para que pudessem prestar o socorro definitivo. Mas, eu, além de muito cansado, estava impressionado com a altura da lateral do iate. Embora não fosse um expert em embarcações luxuosas de laser, aquelas chapas de aço que compunham a estrutura lateral do barco eram altas demais, afastando sobremaneira o perfil do barco de um design moderno, que seria mais apropriado para um iate de dimensões consideráveis.

Para vencer a diferença de altura entre o nível do mar e a parte superior da amurada, dois homens estenderam ao máximo os seus braços em direção à minha cabeça. No entanto, por mais que eu esticasse os meus braços, ainda faltava uma certa distância a ser superada para que houvesse o entrelaçamento das nossas mãos e pulsos, de forma a permitir o meu içamento para o convés.

Esperamos, então, que houvesse uma ondulação do mar mais acentuada que conseguisse elevar-me e possibilitar que eu segurasse as mãos dos meus resgatadores. Essa oportunidade ocorreu logo em seguida e meus pulsos foram seguros firmemente pelos homens. Embora as minhas mãos estivessem molhadas tive a impressão que eu também tivesse agarrado os pulsos dos meus salvadores.

Capítulo XXVII - O FIM ADIADO POR FALTA DE FORÇA

No entanto, um importante detalhe que eles desconheciam, não foi levado em conta e terminou por agir de maneira decisiva, a ponto de comprometer a primeira tentativa de salvamento. Como eu permanecia vestido e calçado, a água acumulada nos meus trajes aumentou substancialmente o meu peso. Assim, quando a onda refluíu, fazendo o nível do mar retornar ao patamar normal, abaixo dos meus pés, os homens não conseguiram sustentar o meu corpo fora d'água para iniciar o içamento, e me soltaram.

A despeito da incrível iniciativa dos passageiros do iate em prestar o socorro pelo qual tanto rezara, o que eu estava vivenciando, naquele momento, era uma fatídica repetição do ocorrido no início do naufrágio: quando a minha namorada largou a minha mão no convés do Bateau Mouche, eu iniciei um salto que terminaria com um mergulho no mar.

Inexoravelmente, todo o meu corpo submergiu, fazendo que eu experimentasse a sensação da vontade da água em ocupar os espaços da minha boca e narinas. Após conseguir controlar esses efeitos, evitando as suas consequências que seriam muito desagradáveis, retornei à superfície e me deparei com os braços dos homens novamente estendidos na minha direção. Mesmo um pouco atordoado pelos movimentos bruscos de queda e de voltar à tona, pude entender as palavras de incentivo dos homens para reiniciarmos a operação.

Com o polegar na vertical fiz um sinal de positivo como forma de agradecer a perseverança da dupla e esperei, bem próximo ao casco do iate, por uma nova ondulação que me elevasse para alcançar as mãos dos meus salvadores. Pensei que, durante o período em que eu sumira no mar para emergir em seguida, os homens tivessem reavaliado o esforço necessário para me sustentar e concluir o salvamento.

Não demorou muito para que uma ondulação robusta se formasse e impulsionasse o meu corpo fazendo com que, eu chegasse ao encontro das mãos dos meus salvadores. No entanto, experimentei a segunda decepção no salvamento, quando a água refluíu e os homens, mais uma vez, não conseguiram continuar a operação. De novo, submerso no mar, decidi que não utilizaria mais a mesma forma de acessar o convés. Aquele método para concluir o salvamento, que parecia ser o mais rápido, havia se mostrado inviável, definitivamente.

Capítulo XXVII - O FIM ADIADO POR FALTA DE FORÇA

Quando percebi que os homens estavam dispostos a uma terceira tentativa, mantendo os braços estendidos em minha direção, expliquei que eu não tinha condições de ajudá-los com a redução do esforço para me levar a bordo. Perguntei se eles não podiam baixar uma escada para facilitar o acesso ao convés, porque não tinha visualizado nenhuma ao longo da lateral do iate onde as tentativas de concluir o meu resgate estavam acontecendo.

Bastava essa simples concordância para que eu subisse a bordo e interrompesse aquele longo período de incomparável desgaste físico e emocional.

